Uma carta em conjunto dos Amigos da Rio+20

Os Amigos da Rio+20 são um grupo único e de alto nível formado por líderes empresariais, científicos e da sociedade civil internacionais de diversas áreas reunidos e apoiados pelo Fórum Econômico Mundial.

Sinopse

Devemos superar os desafios econômicos, sociais e ambientais urgentes e interligados das próximas décadas, para dar passo ao desenvolvimento sustentável. Mais de 1,4 bilhão de pessoas não têm acesso a energia ou água potável; mais de 900 milhões de pessoas passam fome; precisaremos de 600 milhões de postos de trabalho nos próximos 10 anos; e pesquisas indicam que a sociedade humana pressiona os sistemas ambientais do planeta de tal forma que em breve iremos ultrapassar os limites naturais seguros.

Por ocasião da Rio+20, nos unimos como uma coalizão excepcional de líderes empresariais, científicos e da sociedade civil para sugerir medidas práticas que poderão atender a estes desafios do desenvolvimento sustentável que nos pressionam.

Os governos devem definir metas, políticas e leis necessárias para dar passo ao desenvolvimento sustentável. No entanto, devido à urgência do desafio, incentivamos os governos a abraçar também formas multidimensionais e com múltiplos interessados que tomem medidas para que o desenvolvimento sustentável seja uma realidade: não como um substituto para acordos multilaterais ou planos nacionais, mas para facilitar o seu impacto final.

Existem hoje evidências significativas de que coalizões claramente definidas, compostas por intervenientes governamentais, empresariais, meios científicos e pela sociedade civil que estejam dispostos e sejam capazes, que podem mobilizar uma combinação das suas habilidades, inovações e recursos para obter um progresso claro nesta dimensão, em relação aos objetivos específicos do desenvolvimento sustentável. Tais colaborações práticas vão além dos limites de interesse, conhecimento e nacionalidade tradicionais. Elas podem ser participativas, transparentes e responsáveis, e também podem ser desenvolvidas para atender aos objetivos sociais, econômicos e ambientais combinados, relevantes a cada objetivo em particular do desenvolvimento sustentável, e não só podem, como devem, apresentar resultados práticos e de forma rápida.

Anexo a esta carta listamos mais de 30 exemplos sólidos de tais coalizões, dos quais somos participantes em algumas. Entre elas estão colaborações para melhorar o acesso a comida, água, energia e trabalho. Tais atividades com múltiplos interessados normalmente são capazes de alcançar, através de colaboração e inovação, uma dimensão e velocidade impactantes que podem apoiar e complementar os esforços governamentais e internacionais no desenvolvimento sustentável.

Para este objetivo, pedimos aos líderes de governos na reunião Rio+20 para que tomem duas medidas específicas:

- **Comprometer-se em projetar economias que dêem passo ao desenvolvimento sustentável e desenvolver um conjunto claro de objetivos, metas universais e justas para o desenvolvimento sustentável, que sejam adequadas para o cenário de desenvolvimento pós 2015, ao mesmo tempo em que também criem políticas e estruturas regionais e locais necessárias para acelerar o alcance destes objetivos.**
- **Permitir coalizões multinacionais e de múltiplos interessados de intervenientes que estejam dispostos e sejam capazes (incluindo governos subnacionais e nacionais interessados) para a realização de medidas explícitas, agora e em um futuro próximo, ajudando assim a alcançar tais objetivos.**

Abaixo definimos a nossa mensagem mais detalhadamente. Porém, nossa proposta é simples: ao unir redes, capacidades e conhecimentos diversos, coalizões com múltiplos interessados podem ser mobilizadas para realizar medidas dentro do prazo especificado, que ajudarão os governos a alcançarem as principais metas de desenvolvimento sustentável. Convidamos os líderes de governos reunidos no Rio para juntarem-se a nós, e outros que compartem o mesmo propósito, para nos ajudar a alcançar este objetivo. Desta forma, a Rio+20 poderia ser a plataforma de lançamento para uma agenda global realmente transformadora de medidas colaborativas e práticas quanto ao desenvolvimento sustentável.

Mensagem integral

1. Somos um grupo internacional de líderes empresariais, científicos e da sociedade civil de diversas áreas, setores econômicos e regiões. Criamos uma coalizão informal e excepcional denominada "Amigos da Rio+20". Compartilhamos o interesse comum de mudar o mundo para uma trajetória de um verdadeiro desenvolvimento sustentável, para abordar os desafios econômicos, sociais e ambientais urgentes e inter-relacionados. Nossa sociedade global deve garantir a todos o acesso a comida, energia e água, dentro de um mundo onde haja oportunidades de trabalhos dignos, no qual nossa atmosfera e oceanos sejam limpos e o desmatamento seja interrompido. Este é um desafio urgente: pesquisas indicam que a sociedade humana pressiona os sistemas ambientais do planeta de tal forma que em breve iremos ultrapassar os limites naturais seguros.

2. Para esta finalidade, pedimos aos líderes de governos reunidos na Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, no Rio de Janeiro, no Brasil, que tomem duas medidas específicas durante sua visita: primeiro, comprometer-se com o desenvolvimento e implementação de um conjunto claro de metas ambiciosas, universais e globalmente justas para alcançar o desenvolvimento sustentável até 2030, o que também pode ajudar a formar uma nova estrutura de desenvolvimento após as metas de desenvolvimento do milênio (MDGs pela sigla em inglês) que finalizarão em 2015. Estas metas devem ser desenvolvidas para erradicar a pobreza, reduzir desigualdades e alcançar direitos humanos e justiça, ao mesmo tempo em que respeitam os limites finitos dos recursos naturais do planeta, acelerando assim o progresso mensurável de todos os aspectos de desenvolvimento sustentável até 2030. E em segundo: reconhecer o potencial de coalizões multinacionais e de múltiplos interessados para alcançar estas metas e convidar coalizões de intervenientes que estejam dispostos e sejam capazes (incluindo governos nacionais e subnacionais) para realizarem conjuntos de medidas, agora e num futuro próximo, ajudando assim a alcançar tais objetivos. Ao trabalhar em conjunto para garantir resultados práticos nessa dimensão, a partir de uma abordagem ascendente, através de colaborações criativas e claramente definidas com prazos reais, os governos podem mobilizar a combinação das habilidades, inovações e recursos dos setores público, privados e da sociedade civil para acelerar o progresso rumo a novas metas, onde seja mais necessário e viável. Somente no caso de que aproveitemos *todas* as dimensões em potencial da cooperação internacional (multilateral, plurilateral, subnacional, com múltiplos interessados e interdisciplinar) a humanidade entenderá a visão da conferência do Rio original.

3. Acreditamos na necessidade de esforços multilaterais do governo para superar os muitos e difíceis desafios do desenvolvimento sustentável, como por exemplo a definição de metas, o avanço em busca de padrões comuns, a busca por fluxos de comércio livres e justos e a mobilização de finanças. Em níveis regionais, nacionais e subnacionais, os governos também têm uma responsabilidade importante em promover o desenvolvimento sustentável como, por exemplo, ao criar políticas, regulações e incentivos de mercado que sejam claros e econômicos. O papel da liderança empresarial e da sociedade civil também é importante. Com metas e políticas governamentais claras a serem seguidas, as empresas podem inovar, criando novos produtos e serviços que garantam resultados de desenvolvimento sustentável. Os líderes de negócios podem comprometer-se em participar e informar os impactos sociais e ambientais produzidos em seus balanços corporativos. ONGs, cientistas e acadêmicos podem sugerir maneiras novas e transparentes para realizar, monitorar e informar o andamento de atividades de desenvolvimento sustentável, incluindo novas medidas (não monetárias) para mensurar a qualidade social e ambiental do crescimento além do PIB e novas maneiras para medir e reduzir a emissão humana e alcançar o desenvolvimento sustentável. Mas os governos e a comunidade internacional também devem reconhecer, e utilizar, o potencial que coalizões e iniciativas de ampla escala com múltiplos interessados podem desempenhar ao *entregar* resultados práticos de desenvolvimento sustentável ao longo de períodos específicos, principalmente no apoio a comunidades pobres em países em desenvolvimento e dentro do contexto de alcançar metas mais amplas. Nesta época de incerteza econômica, o sucesso na dimensão de tal colaboração específica com múltiplos interessados pode também ajudar a inspirar confiança em governos para caminharem por si mesmos, ou com outros, para garantir resultados de desenvolvimento sustentável.

4. A Rio+20 ocorre em um mundo amplamente diferente daquele que existia na Eco 92 há 20 anos atrás. Durante este período, o mundo reduziu pela metade o número de indivíduos que vivem com menos de US$ 1,25 por dia, e cerca de 500 milhões de pessoas subiram para as classes médias mundiais. Um progresso extraordinário em comunicações e tecnologia possibilitou que as

sociedades se tornassem mais conectadas de maneiras jamais concebíveis em 1992. O resultado combinado do mundo emergente agora corresponde a cerca de 40% do PIB global, representando duas vezes o valor obtido em 1990. Grande parte destes resultados é uma declaração do valor que os esforços multilaterais, as inovações do setor privado e a pressão da sociedade civil possuem. E tudo isto é uma evidência da nossa habilidade de alcançar muito além quando trabalhamos duro, juntos e com mais criatividade.

5. E com certeza devemos alcançar muito além, porque a complexidade, a dimensão e escala dos vários desafios de desenvolvimento que devemos enfrentar, cresceram muito desde 1992. Uma década depois de entrarmos em um novo século, muitas das dimensões sociais nas MDGs ainda permanecem sem serem alcançadas: por exemplo, 900 milhões de pessoas ainda passam fome. No despertar de uma crise financeira global, a a desigualdade salarial tem crescido de forma alarmante no mundo por muitas razões diferentes. Enfrentamos o desafio de criar 600 milhões de empregos dignos ao longo da próxima década: hoje existem 200 milhões de pessoas desempregadas no mundo inteiro, entre eles, 75 milhões de jovens. Cerca de 910 milhões de trabalhadores recebem salários inferiores a US$ 2 por dia, e 75% da população do mundo não conta com proteção social. Há um medo disseminado de perder empregos, juntamente com a incerteza sobre qual seria a melhor maneira de criar novos trabalhos.

6. Também ficou absolutamente claro que os desafios ambientais do desenvolvimento sustentável estão interconectados. Com a passagem de até 3 bilhões a mais de pessoas para as classes médias ao longo dos próximos 20 anos, as questões de energia, água, alimentação, comércio e clima (além de muitas outras necessidades materiais) combinam-se entre elas para enquadrar nosso futuro, e portanto devem ser tomadas em consideração. Os governos precisam de abordagens multilaterais que reconheçam e respondam a estas interconexões. Além disto, também precisamos de novas abordagens *multilaterais* para alcançar as metas específicas que nos permitirão realizar o desenvolvimento sustentável, abordagens que endereçam a relação dos desafios de recursos naturais e ambientais e que, como resultado, possam inovar, por exemplo, ao garantir o fornecimento seguro de alimentos através de uma agricultura inteligente de acordo com o clima da região, ou através da garantia de energia e empregos dignos sustentáveis. Existem muitas oportunidades à disposição.

7. Felizmente, há evidências significativas de que os governos e a sociedade civil podem unir-se para superar estes desafios em conjunto. Empresas, ONGs, comunidades científicas e de pesquisas, governos locais e muitos outros intervenientes em muitas partes da sociedade civil possuem uma experiência crescente de colaborações em iniciativas relacionadas com o desenvolvimento sustentável. Esta experiência comprova, sem dúvidas, de que coalizões definidas que vão além dos limites tradicionais de interesse, de conhecimento e de nacionalidade, podem funcionar. Através da colaboração, tais esforços de múltiplos interessados podem normalmente alcançar o que governos não conseguiriam sem colaboração, especialmente em países em desenvolvimento. Tais esforços de cooperação podem ser transparentes, participativos e responsáveis, e também podem compartilhar custos e riscos. Além disso, seriam economicamente viáveis e, ao mesmo tempo, demonstrariam benefícios sociais e ambientais claros. Eles podem estar baseados em um conhecimento científico sólido e produzir resultados práticos de grande escala em um período específico, e isso já está sendo realizado agora. Anexamos um documento com mais de 30 exemplos de como tais iniciativas têm obtido sucesso em abordar os desafios do desenvolvimento sustentável precisamente desta maneira, através de esforços colaborativos em todo o mundo. Também resumimos algumas novas iniciativas que poderiam ser mobilizadas. Para reproduzir e dimensionar estes esforços de coalizões, os governos devem dinamizar seu reconhecimento (e suporte) por tais atividades, tornando-as parte de suas discussões oficiais sobre desenvolvimento sustentável.

8. Para isto, os líderes de governos reunidos na Rio+20 devem renovar seu compromisso em atingir estas metas de desenvolvimento sustentável, que sejam ambiciosas, universais e justas para todos. Estas metas devem atender, igualmente, às nossas necessidades sociais, econômicas e ambientais. Os resultados da conferência Rio+20 devem proporcionar um senso claro de direção para que essas metas sejam alcançadas dentro do quadro pós-MDG para o desenvolvimento, e devem mostrar a todos nós como esperamos alcançar esses objetivos de maneira que sirva também aos propósitos de justiça e direitos humanos e, ao mesmo tempo, respeite os limites finitos dos recursos naturais do planeta. Desde 1992, houveram melhorias significantes em pesquisas científicas que nos permitiram compreender melhor e prever como o nosso meio-ambiente está mudando, e estas melhorias devem ser usadas para ajudar a desenvolver essas

metas. Na Rio+20, os líderes de governos deveriam iniciar um processo liderado por especialistas, para elaborar objetivos para o desenvolvimento sustentável (SDGs) completamente financiados com alvos, cronogramas e indicadores claros e que estejam integrados ao processo de revisão pós-MGS. Estas SDGs devem integrar as três dimensões do desenvolvimento sustentável e ser universalmente aplicáveis e justas. No Rio, os governos também deveriam definir as principais áreas temáticas para as SDGs, incluindo uma garantia de alimentação, água e eletricidade para todos.

9. Para ajudar a alcançar estas metas de uma forma prática, econômica e dentro do prazo especificado, pedimos aos líderes de governos para juntarem-se a nós, e outros que compartem o mesmo propósito e interesse (incluindo grupos interessados de governos nacionais e subnacionais) na mobilização de coalizões multinacionais de intervenientes que sejam capazes e estejam dispostos a realizar tarefas específicas com cronogramas definidos para a obtenção do progresso das metas específicas. Cada atividade deve garantir que as metas sociais, econômicas e ambientais sejam consideradas importantes igualmente e que sejam os objetivos centrais. Desta maneira, e trabalhando em conjunto de forma criativa, cooperativa e colaborativa, todos nós que não trabalhamos no governo podemos ajudá-los e ajudar à comunidade internacional na realização de grandes mudanças positivas e com rapidez, entendendo assim nossas metas globais e comuns para que o desenvolvimento sustentável seja uma realidade.

10. Definimos algumas idéias ilustrativas de tudo o que podemos alcançar através de esforços colaborativos baseadas em evidências significativas atuais. Sem dúvida alguma, existem outras iniciativas interessantes que os líderes da sociedade civil podem identificar como bons exemplos, e com certeza existem também outros especialistas fora do governo que podem juntar-se ao nosso grupo informal, os quais seriam muito bem-vindos, porque nossa proposta é clara: ao unir nossas capacidades, experiência e conhecimentos combinados, assim como nossos membros, clientes e cadeias de valor em todo o mundo, podemos ser uma sociedade civil, empresas e redes científicas informais e valiosas que ajudarão os governos a guiarem ações específicas com múltiplos interessados para o desenvolvimento sustentável em regiões, tópicos e setores econômicos de forma rápida e em grande escala. Trabalhando juntos, podemos produzir resultados práticos para apoiar maiores esforços do governo. Podemos concretizar metas importantes. Convidamos os líderes dos governos reunidos no Rio para juntarem-se a nós, e outros que compartem o mesmo propósito, para ajudar-nos a alcançar este objetivo. Vamos agir agora. Não temos tempo a perder.

Atenciosamente,

Os Amigos da Rio+20

Fazle H. Abed, fundador e chefe da BRAC, em Bangladesh
James Bacchus, chefe no Conselho da Agenda Global do Fórum da Economia Mundial sobre o Governo para a sustentabilidade da Greenberg Traurig LLP, nos EUA
Peter Bakker, presidente do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD), na Suíça
Marcos Bicudo, CEO e presidente da CBDES da Philips América Latina, no Brasil
Peter Brabeck-Lemathe, diretor do conselho administrativo da Nestlé, na Suíça
Sharan Burrow, secretário-geral na Confederação da União do Comercio Internacional (ITUC) na Bélgica
Cynthia Carroll, chefe executiva da Angle American Plc, no Reino Unido
Frederico Curado, CEO da Embraer, no Brasil
Carlos Fadigas, CEO da Braskem, no Brasil
Gao Jifan, diretor e CEO da Trina Solar Ltd, na República Popular da China
Bakele Galeta, secretário-geral na Federação Internacional da Cruz Vermelha e Sociedades Crescente Vermelha (IFRC), na Suíça
Vitor Hallack, diretor do conselho administrativo da Camargo Correa, no Brasil
Muhtar Kent, diretor e CEO da The Coca-Cola Company, nos EUA
Caio Koch-Weser, vice-diretor do Deutsche Bank Group, na Alemanha
Barbara Kux, diretora geral de sustentabilidade e membro do conselho diretivo da Siemens AG, na Alemanha
Jim Leape, diretor geral da WWF International, na Suíça
Lee Yuan Tseh, presidente, condecorado com premio Nobel, do Conselho Internacional de Ciências, na França

Paul Polman, CEO da Unilever, na Holanda e Reino Unido
Maria Ramos, chefe executiva do Absa Group e chefe executiva do Barclays África, na África do Sul
Johan Rockström, diretor executivo do Centro de Resiliência de Estocolmo, na Suécia
Richard Samans, diretor executivo do Instituto para o Crescimento Ecológico Global, na Coreia
Josette Sheeran, vice-diretor do Fórum Mundial de Economia, na Suíça
Wang Shi, diretor da China Vanke Co. Ltd., na República Popular da China
B.G. Srinivas, membro do conselho administrativo da Infosys, na Índia
Maurice Strong, diretor do conselho consultivo do Instituto de Pesquisas sobre a Segurança e Sustentabilidade para o Nordeste da Ásia, na República Popular da China
Ben J. Verwaayen, CEO da Alcatel Lucente, na França